

Tel Betsã: localização, história e interpretações

Silas Klein Cardoso¹

Resumo: O sítio Betsã tem longa história ocupacional, que vai desde o Calcolítico (5 mil a.C.) até a Idade Média (1200 d.C.), alcançando quase seis mil anos. Sua geografia privilegiada a fez cenário de grandes transições históricas, essenciais ao estudo e compreensão da cultura do Antigo Oriente Médio. A cultura material ali encontrada tem sido utilizada para: análise e revisão da cronologia bíblica; estudo da transição do culto canaanita icônico ao anicônico; além de revelar em minúcias a geografia e demonstrar aspectos políticos de dominação no Levante. O presente ensaio pretende analisar a geografia e história do sítio arqueológico, além de verificar algumas das principais contribuições de seus achados aos estudos bíblicos. A metodologia utilizada consiste na pesquisa exploratória e bibliográfica, com abordagem semiótica e hermenêutica das imagens. Palavras-chave: Arqueologia; Betsã; Dominação Egípcia; Estudos Bíblicos.

1) Localização

A localização de Betsã² (hebr. casa de silêncio) é de tal forma privilegiada que o sábio talmúdico Reish Lakish disse que se o paraíso fosse na terra de Israel, Betsã seria seu portão³. A razão da inferência é o sítio estar situado num dos locais mais férteis da Palestina, no Vale de Betsã, na conjuntura dos vales do Jordão e de Jezreel⁴, sendo abastecido pelos rios Harod e Asi⁵. Ele também está na interseção de duas importantes vias: a latitudinal, entre Jezreel e Harod, na direção do Rio Jordão; e longitudinal, passando pelo Vale do Jordão⁶, no término da rota que chega do litoral e divide-se para a Síria e Transjordânia, uma ramificação da Via Maris⁷. O monte que o abriga está numa colina proeminente, inclinando-se em direção ao noroeste e englobando duas ravinas, o tornando local ideal para habitação humana. Esse fato o fez convidativo desde o Calcolítico (4500-3300 a.C.), transformando-o numa das cidades mais populosas da região⁸. Dessa forma, o local carrega os requisitos mínimos para

¹ Mestrando em Ciências da Religião (UMESP). Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa em Arqueologia da Pós-Graduação em Ciências da Religião, UMESSP, em 18/09/2013E-mail: silasklein@gmail.com

² Encontramos diferentes transliterações do nome do sítio: Betsã, Bet-Seã, Bet Sean, Bet Shan, Beth Shean etc. Em árabe, sua denominação é Tell el-Husn. Optamos e seguiremos a forma aportuguesada “Betsã”.

³ MAZAR, Amihai “The excavations at Tel Beth Shean during the years 1989-94” em SILBERMAN, Neil Asher; SMALL, David. *The Archaeology of Israel: constructing the past, interpreting the present*. JSOT Supplement Series, 237. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997b, p. 144

⁴ MAEIR, Aren M.; MULLINS, Robert A. “The Tell El-Yahudiya Ware from Tel Beth-Shean” em ASTON, D.; BEITAK, M. *Tell el-Daba VIII: The Classification and Chronology of Tell el-Yahudiya Ware*. Vienna: Austrian Academy of Sciences, 2011, p.577

⁵ KAEFER, José Ademar. *Arqueologia das Terras da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 45

⁶ MAZAR, 1997b, p. 144; Cf. AHARONI, Yohanan (et al.). *Atlas Bíblico*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 17

⁷ MCGOVERN, P. E. “Beth-Shan (Place)” em FREEDMAN, Daniel Noel (org.). *The Anchor Yale Bible Dictionary*, v.1. New York: Doubleday, 1992, p. 693; AHARONI, Yohanan. *The Land of the Bible: a historical geography*. Translation A. F. Rainey. 2ed. Philadelphia: Westminster Press, 1979, p. 53

⁸ Cf. MAZAR, 1997b, p. 144, 147

assentamento: terra suficiente, disponibilidade de água, rotas de comunicação e posição defensável, estes aprimorados pela elevação artificial (Tel)⁹, possuindo mais de 4ha de área¹⁰.

⁹ MAZAR, Amihai. Arqueologia na terra da Bíblia: 10.000586 a.C. Tradução Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2003, p . 32

¹⁰ MAZAR, Amihai “Tel Beth-Shean: History and Archaeology” em KRATZ, Reinhard G.; SPIECKERMANN, Hermann (ed.). One God - One Cult - One Nation: Archaeological and Biblical Perspectives. BZAW 405. Berlin/New York: De Gruyter, 2010, p. 241



Foto: José Ademar Kafer, 2011.

2) Citações Bíblicas

Betsã não é recorrente no texto bíblico, embora mantenha marcante presença histórica. Kaefer lista nove ocorrências da cidade, em sua busca pelos termos Betsã (Js 17.11, 16; Jz 1.27; 1Sm 31.10-12; 2Sm 21.12; 1Cr 7.29; 1Mc 5.52; 12.40-41) e Citópolis (2Mc 12.29-31; Jt 3.10)¹¹, enquanto Mazar, responsável pelas últimas escavações, cita seis passagens, utilizando somente o cânon protestante (Js 17.11; Jz 1.27; 1Sm 31; 1Cr 7.29; 10.8-12; 1Rs 4.12)¹². No livro de Josué (17.11, 16), a cidade surge como uma daquelas que permaneceram sendo de população canaanita, sob uma duvidosa hegemonia israelita. Em Juízes (1.27) há a repetição do fato, que classifica a cidade como uma daquelas do vale não conquistadas por Manassés, cujo teor é repetido também no Primeiro Livro das Crônicas (7.29). Essas ocorrências enfatizam - se utilizarmos o texto bíblico como fonte de memória histórica - o antigo povoamento na cidade. Ali haveria tido, desde cedo, um povo cananeu que não teria sucumbido ao poderio militar israelita (Cf. Js 17.13; Jz 1.28).

Os livros de Samuel (1Sm 31.10-12; 2Sm 21.12) e o Primeiro Livro das Crônicas (10.8-12)¹³ a colocam em destaque num momento obscuro, quando o corpo de Saul é exposto em suas paredes, depois de sua morte, até ser retirado por homens de Jabes-Gileade. A utilização da cidade, nesse contexto, parece revelar o conhecimento de sua geografia favorecida, que lhe teria proporcionado posição política de destaque. O Primeiro Livro dos Reis (4.12) a coloca sob as vistas de Baana, filho de Ailud, um dos doze “prefeitos” (hebr. nāš ab)¹⁴ de Salomão, responsável pelos impostos de Taanaque, Megido e toda Betsã, cidades que permaneceram canaanitas nos textos de Juízes e Josué¹⁵. No Primeiro Livro dos Macabeus, a cidade é percurso de Judas (5.52) e campo de batalha entre Jônatas e Trifão (12.40-41), que acabou evitando a guerra, temendo a numerosa multidão que acompanhava Jônatas (cf. vs. 41-45). Sob a denominação grega Citópolis, Betsã aparece no Segundo Livro dos Macabeus (12.29-31), sendo novamente palco de uma guerra que não ocorreu, agora pela boa vizinhança entre

¹¹ KAEFER, 2012, p. 45. Jt e 2Mc utilizam o termo “Citópolis”, denominação grega posterior.

¹² MAZAR, 2010, p. 240

¹³ Embora o termo não apareça nesta perícopo, sua presença foi deduzida, por Mazar, por se tratar de uma repetição do fato ocorrido em 1Sm 31.10-12 e 2Sm 21.12.

¹⁴ Cada um dos doze nāš ab (prefeitos ou superintendentes) de Salomão era responsável por um dos meses do ano (1Rs 4.7). Noth acredita que essa divisão em distritos teria perdurado até depois da morte do rei, visto constar no Óstraco de Samaria, que seria datado do período de Jeroboão III. Cf. NOTH, Martin. *Historia de Israel*. Traducción Juan A. G. Larraya. Barcelona: Garriga, 1966, p. 202

¹⁵ Isso traria o questionamento, tanto da divisão das tribos, quanto das cidades canaanitas sob impostos de um governo hegemônico israelita, de uma anacronia destes textos antigos. Cf. NOTH, 1966, p. 200

citopolitanos e judeus. Por fim, a cidade aparece no Livro de Judite (3.10), como local de descanso aos homens de Holofernes. Essas citações relembram uma cidade poderosa e estratégica militarmente, mas que não sucumbiu, na época, à guerra.

3) História das Escavações

Betsã foi uma das cidades mais exploradas dentre as terras de Israel¹⁶. As escavações começaram logo no começo do século XX, a partir de Clarence S. Fisher que, de 1921-1923, iniciou a escavar o sítio juntamente a um grande cemitério próximo¹⁷, sob os auspícios da University Museum of the Pennsylvania Expedition (UME). Em seguida, pela mesma universidade, Alan Rowe (1925-1928) e Gerald M. FitzGerald (1930-1931, 1933) continuaram os trabalhos, que revelaram dezoito ocupações sucessivas¹⁸ na localização, desde o Neolítico até o período Medieval¹⁹. Este constituiu-se num dos maiores achados



Diferentes níveis de ocupação no sítio: Foto José Ademar Kafer, 2011

¹⁶ MAZAR, 2010, p. 239

¹⁷ Cf. MCGOVERN, 1992, p. 693

¹⁸ MAZAR, 1997b, p. 144

¹⁹ MAZAR, 2010, p. 242

arqueológicos antes da Primeira Grande Guerra. Na ocasião, foram criados três terraços: o mais alto, do Ferro I; médio, do décimo quarto século; e o terceiro do Bronze III.

Entretanto, essa primeira empreitada utilizou uma metodologia antiga e, por tal motivo, novas visitas ao sítio foram organizadas. No ano de 1983, Shulamit Geva e Yigael Yadin retomaram as escavações durante três semanas, mas foi a partir de 1989 que o sítio passou a ser examinado com maior atenção. Entre 1989 e 1996, a partir dos três terraços já escavados, ao menos sete temporadas de escavações foram conduzidas, cada uma durando ao menos 6 semanas, agora conduzidas por Amihai Mazar, sob as vistas do Institute of Archaeology of the Hebrew University of Jerusalem (HU) e o Beth Shean Archaeological Expedition e patrocinadas pelo Israel Antiquities Authority e o já citado Beth Shean Tourist Development Authority²⁰. O propósito de tais escavações, segundo o próprio Mazar, era o de reconstruir a história do sítio e resolver problemas deixados das escavações anteriores²¹.

4) História do Sítio Arqueológico

A história do sítio é extensa, visto seu histórico ocupacional abrigar aproximadamente 6 mil anos. Dos estágios iniciais, o período Neolítico (5mil a.C.) é representado por covas escavadas na rocha, enquanto o Calcolítico (4mil a.C.) traz alguns objetos cerâmicos. No Bronze Antigo, foram encontradas habitações ovais, cerâmica polida e machados de bronze, todas características do período (sécs. 35-34 a.C.)²². Também, neste período, foi encontrado um salão com 14 colunas de madeira para um suporte de telhado, juntamente com bancos no decorrer das paredes e uma instalação de moagem²³, provavelmente um armazém²⁴.

Mazar acredita numa mudança estrutural no final do período do Bronze Antigo: associando os fatores da nova irrigação agrícola e uma edificação localizada no centro do monte, ele criou a hipótese de que teria sido admitida, no período, uma autoridade central reguladora do armazenamento e distribuição de alimentos²⁵. Há indícios da criação de edifícios em uma rua curvilínea e, logo em 3000 a.C., a cidade teria sido abandonada, característica comum entre outros sítios do período²⁶. A falta de evidências sobre os recorrentes abandonos no Bronze Intermediário levou Mazar a considerar duas hipóteses: a

²⁰ Ibid., p. 146

²¹ Ibid., p. 147; MAZAR, 2010, p. 243

²² MAZAR, 1997a, p. 306

²³ MAZAR, 2010, p. 245

²⁴ KAEFER, 2012, p. 45

²⁵ MAZAR, 1997b, pp. 148

²⁶ MAZAR, 2010, p. 245

primeira, seria o resultado da concentração da população nas cidades emergentes do período²⁷; e, a segunda (sendo posterior e, provavelmente, mais acurada) diz que as comunidades deliberadamente se estabeleceram fora das locações anteriores, talvez num semi-nomadismo. De qualquer forma, Betsã teria permanecido desocupada até o Bronze Médio, quando um assentamento foi estabelecido, com algumas casas de habitação. Uma grande área pavimentada com uma cova central presente também sugeriria a presença de atividades públicas. Diversos jarros de funerais infantis, assim como covas de jovens e adultos, alguns com jóias, denotam o status elevado de algumas das famílias do assentamento²⁸. Entretanto, não foram encontradas fortificações no período²⁹.

Entre o Bronze Recente e o Ferro I, cinco templos surgem em Betsã, na mesma localidade. O primeiro, sob o padrão de templos assimétricos canaanitas, é um modesto edifício de 11.7 x 14.6m com plataforma escalonada, onde havia uma pedra circular e um



Ruínas mais antigas do sítio: Foto José Ademar Kaefer, 2011

espaço para um pilar de madeira, ao que Mazar sugere serem para práticas cúlticas, provavelmente uma masebah (hebr. pilar de pedra) e uma Aserah³⁰. Entretanto, o destaque do sítio de Betsã aos estudos bíblicos se dá pela próxima parte da história: a dominação egípcia, entre XIV-XII a.C., sob Tutmósis III, que transformou-a num centro administrativo

²⁷ MAZAR, 2003, p. 109

²⁸ MAZAR, 2010, pp. 246-247

²⁹ MAZAR, 1997a, p. 306

³⁰ MAZAR, 2010, pp. 246-247

da região³¹, provavelmente pela localização privilegiada e pelo fato de não ter sido cidade-estado cananita, o que cumpria com a política egípcia de não usurpar, nesse momento, tal estado³².

Nesse aspecto, ela aparece na lista de Tutmósis III em Karnak (n. 110) e nas Cartas de Amarna (EA 289)³³, onde um trecho diz: “Gintikirmil pertence a Tagi, e os homens de Gintu são a guarnição em Bitsanu (Betsã). Devemos agir como Lab, ayu quando ele estava dando as terras de Sakmu ao Hapiru?”³⁴. Enquanto nenhum monumento egípcio é encontrado no tempo



da décima-oitava dinastia, existe a presença de cerâmica egípcia produzida localmente, o que comprovaria a ocupação egípcia já nos séculos XV e XIV a.C. A cidade teria sido destruída, contudo, na metade do século XIV a.C., por fogo, no tempo de Amarna³⁵.

³¹ KAEFER, 2012, p. 45

³² MAZAR, 2010, p. 248

³³ MAZAR, Amihai “The Egyptian Garrison Town at Beth Shean” em BAR, S.; KAHN, D.; SHIRLEY, J. J. (eds.). *Egypt, Canaan and Israel: History, Imperialism, Ideology and Literature: Proceedings of a Conference at the University of Haifa*. Leiden: Brill, 2011, p. 153

³⁴ Texto traduzido do inglês: “Gintikirmil belongs to Tagi, and men of Gintu are the garrison in Bitsanu. Are we to act like Lab-ayu when he was giving the land of Šakmu to the Hapiru?” MORAN, W.L. *The Amarna Letters*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992, EA 289

³⁵ MAZAR, 2011, p. 155

No século XIII a.C., Betsã é reconstruída com nova cidadela, residência governamental e um quartel general da administração egípcia, desenho mantido até o final da ocupação egípcia³⁶. No século XII a.C., início do Ferro I, a cidade foi ampliada, seguindo as linhas gerais já construídas anteriormente, com acréscimo de alguns edifícios e uma residência de um oficial egípcio de alto escalão, contendo paredes ilustradas³⁷. Existe um notável sincretismo entre a religião e iconografia egípcia e cananéia, com influências tanto na arquitetura quanto nos locais de culto dos oficiais egípcios³⁸. A destruição da guarnição aparentemente ocorreu entre os reinos de Ramsés IV e VI, talvez pelos vizinhos canaanitas ou invasores semi-nomádicos, como os midianitas³⁹. Mazar demonstra que as citações que falam da não-dominação israelita dessa cidade (cf. Js 17.11, 16; Jz 1.27-32) são possíveis, mas aponta que história do corpo de Saul pendurado não pode ser comprovada arqueologicamente, já que não existem evidências de uma ocupação dos povos do mar⁴⁰ nesse período em Betsã⁴¹.



Palácio durante a ocupação egípcia: Foto José Ademar Kaefer, 2011

³⁶ MAZAR, 2010, p. 251

³⁷ As paredes ilustradas demonstram a necessidade egípcia de tornar o lugar amistoso, talvez denotando uma prolongada habitação dos oficiais maiores. Cf. *Ibid.*, p. 253

³⁸ McGovern demonstra que existiam representações de deidades egípcias como Hathor, Bes, Taurt e Sekmet, juntamente com deidades palestinas. MCGOVERN, 1992, p. 694

³⁹ MAZAR, 2010, pp. 258-259; MAZAR, 2011, p. 171

⁴⁰ Objetos ou cerâmicas egípcias e dos filisteus não foram encontradas no período. MAZAR, 1997b, pp. 162

⁴¹ MAZAR, 2010, pp. 261-262

No século X a.C., a cidade exibe características de centro administrativo, devido a uma estrutura de portão e dois edifícios com pilares, que teria sido destruído num incêndio, à mesma época de Jezreel e Tel Rehov⁴². Esta é uma etapa importante por constar no escrito bíblico (1Rs 4.12) além de, posteriormente, aparecer na lista de Shishak em Karnak, como uma das cidades conquistadas após a divisão da monarquia⁴³. Existem indícios posteriores de



Residência durante a ocupação egípcia: Foto José Ademar Kaefer, 2011

uma destruição, supostamente por Tiglath-Pileser III em 732 a.C., e uma reconstrução em VIII a.C.⁴⁴. Já no período Persa, Betsã teria novamente sido elevado à categoria de lugar cívico, demonstrado pelas figuras cívicas no Tel.

⁴² Ibid., p. 264

⁴³ MAZAR, 1997b, pp. 162

⁴⁴ Ibid., p. 264

No período helenista, diversas tetradracmas foram encontradas e uma ocupação posterior ao tempo dos Hasmoneus teria ocorrido⁴⁵. A cidade teria sido conquistada pelos Hasmoneus, cuja destruição é retratada nas Guerras Judaicas e Antiguidades de Flavio Josefo⁴⁶. Diversos objetos cerâmicos importados da Grécia e leste do Mediterrâneo, assim como moedas de Tiro⁴⁷. Nesse período, a cidade teria transformado-se em polis grega e recebido o nome de Citópolis, quando a cidade teria sido transferida para o pé do monte, talvez para facilitar o acesso ao comércio, fundamental no período helenista. Já com Antíoco IV recebeu o nome Nisa, em homenagem a Dionísio⁴⁸, nome da moeda corrente na cidade.



Vista geral da Citópolis, quando Betsã tornou-se polis grega: Foto José Ademar Kaefer, 2011

⁴⁵ MAZAR, 1997a, p. 308

⁴⁶ GALIL, Gershon; WEINFELD, Moshe (eds.). *Studies in Historical Geography & Biblical Historiography: Presented to Zecharia Kallai*. Leiden: Brill, 2010, p. 72

⁴⁷ MAZAR, 1997b, pp. 164

⁴⁸ KAEFER, 2012, p. 46

No período helenista, diversas tetradracmas foram encontradas e uma ocupação posterior ao tempo dos Hasmoneus teria ocorrido⁴⁹. A cidade teria sido conquistada pelos Hasmoneus, cuja destruição é retratada nas Guerras Judaicas e Antiguidades de Flavio Josefo⁵⁰. Diversos objetos cerâmicos importados da Grécia e leste do Mediterrâneo, assim como moedas de Tiro⁵¹. Nesse período, a cidade teria transformado-se em polis grega e recebido o nome de Citópolis, quando a cidade teria sido transferida para o pé do monte, talvez para facilitar o acesso ao comércio, fundamental no período helenista. Já com Antíoco IV recebeu o nome Nisa, em homenagem a Dionísio⁵², nome da moeda corrente na cidade.

Do período Romano, um grande teatro foi construído, com uma rua cheia de colunas,



Teatro do Tempo Romano: Foto José Ademar Kaefer, 2011

um hipódromo, uma vila com mosaicos florais, um teatro e uma extensa parede, além de um cemitério com vasos, cerâmicas decoradas e até um sarcófago de pedra com o nome de Antíoco, filho de Falion, possivelmente primo de Herodes, o Grande⁵³. Foi no período romano, em 63 a.C., que Pompeu a conquistou, associando-a à Decápolis, tornando-a única cidade da Decápolis em território israelita⁵⁴. Essa conquista também é retratada por Josefo,

⁴⁹ MAZAR, 1997a, p. 308

⁵⁰ GALIL, Gershon; WEINFELD, Moshe (eds.). *Studies in Historical Geography & Biblical Historiography: Presented to Zecharia Kallai*. Leiden: Brill, 2010, p. 72

⁵¹ MAZAR, 1997b, pp. 164

⁵² KAEFER, 2012, p. 46

⁵³ MCGOVERN, 1992, p. 695

⁵⁴ KAEFER, 2012, p. 46

em seu livro *Guerras Judaicas* e teria sido, depois de uma destruição do período hasmoneu, um tempo de importantes construções⁵⁵.

Com o Império Bizantino, Betsã ganhou uma igreja circular, com batistério, e casas bem construídas. A elite habitava no cume do monte e os mais simples na periferia⁵⁶. Da época romana e bizantina, ficou a lembrança de sua vasta produção têxtil⁵⁷. Uma sinagoga teria sido construída também dentre os séculos V e VII d.C., contendo mosaicos com figuras



Igreja Bizantina (esquerda) e Batistério Bizantino (direita): Foto José Ademar Kaefer, 2011

da arca da aliança coberta com uma cortina, vasos rituais e uma menorá, com inscrições gregas e samaritanas⁵⁸. No século VIII d.C., a arquitetura bizantina foi substituída por novos edifícios, talvez pelo terremoto que teria destruído a cidade em 749 d.C., pouco mais de um século depois de sua conquista pelos muçulmanos (614 d.C.). Já no período Medieval, Betsã parece ter transformado-se em propriedade privada, com muros que a envolviam, alguns inacabados e datados de XII d.C.⁵⁹, tempo das Cruzadas⁶⁰.

5) Principais achados e algumas interpretações

⁵⁵ GALIL; WEINFELD, 2010, pp. 72-73

⁵⁶ MAZAR, 1997b, pp. 164

⁵⁷ KAEFER, 2012, p. 46

⁵⁸ MCGOVERN, 1992, p. 695

⁵⁹ KAEFER, 2012, p. 46

⁶⁰ MAZAR, 1997a, p. 309

A longevidade de Betsã, assim como suas conexões imperiais, forneceram achados importantes para os estudos da cultura e textos bíblicos. Os mais divulgados talvez sejam as estelas do faraó Séti I e de Ramsés II⁶¹. A estela de Séti I, assim como o documento de Tutmósis III em Karnak, menciona o Hapiru, nos seguintes termos: “O Apiru de Monte Uarmuta, com Teyer ..., em ataque sobre os asiáticos de Rehem. Então [sua majestade] disse: Como esses asiáticos miseráveis pensam [em tirar] suas [armas] para mais desordem?”⁶². Estes indivíduos seriam pessoas sem cidadania que atacavam vez ou outra o território das cidades-estado ou associavam-se como mercenários⁶³. Esta tem sido, ao que parece, a relevância primeva dos achados do Tel, sob a hipótese que associa os hapiru citados ao grupo formativo da nação israelita, juntamente com os shasu⁶⁴.



Réplica da Estela de Séti I, que menciona os Hapiru: Foto José Ademar Kaefer, 2011

⁶¹ KAEFER, 2012, p. 45

⁶² Texto traduzido do inglês: “The Apiru of Mount Yarmuta, with Teyer ..., [have ari]sen in attack upon the Asiatics of Rehem. Then [his majesty] said: How can these wretched Asiatics think [of taking] their [arms] for further disorder?” PRITCHARD, James B. (ed.). *Ancient Near Eastern Texts: Relating to the Old Testament*. Third Edition with Supplement. Princeton/New Jersey: Princeton University Press, 1969, p. 255

⁶³ MAZAR, 2003, p. 237

⁶⁴ *Ibid.*, p. 347

Outro aspecto importante - e aqui somamos a estela de Ramsés II - é o fato de que as duas estelas demonstram uma rota que perpassava Betsã, fato confirmado também pela lista de Shishak, que faz referência ao “Vale” (de Betsã), que continha Betsã, Rehob, Shunem, Taanaque e Megido⁶⁵. Assim, o sítio proporcionou achados que detalharam as rotas comerciais e suas respectivas ramificações. Betsã, nesse aspecto, seria ramificação da importante rota “caminho do mar”, chamada posteriormente Via Maris. Fora isso, inscrições



Local dos Templos: Foto José Ademar Kaefer, 2011

egípcias e placas com nomes reais, quatro constando “Ramsés” e cinco constando “Merneptah”, além de um selo cilíndrico que mostra Ramsés II atirando uma flecha num alvo, mostram a relevância política da guarnição⁶⁶.

⁶⁵ Cf. AHARONI, 1979, p. 53

⁶⁶ MAZAR, 2010, p. 252

Com relação ao culto, no templo do século XIV a.C. foram encontradas uma massebah (hebr. pilar de pedra) de basalto, com 50 cm de altura e, a pouco mais de um metro de distância, um pedestal de pedra, cuja estela continha uma figura de Mekal, monumento dedicado a um oficial egípcio em memória de seu pai. A relevância desse achado estaria na posição de tais pedras, que estariam num espaço aberto, um bamah (hebr. lugar alto), que demonstrariam a transição do culto canaanita⁶⁷: de lugares altos ao templo e de altares com a representação de Deus na forma de coluna (massebah) para a forma humana (estela de Mekal)⁶⁸. O achado também marca o sincretismo entre a religião egípcia e a canaanita.

Outra questão ainda é levantada é a visível destruição de camadas pertencentes ao século VIII a.C., que comprovariam os sucessos em 732 a.C. de Tiglath-Pileser III, que teria trazido ao poder assírio a Galiléia e, em 722 a.C., à Samaria, com a queda do reino do norte. Sob as pesquisas de Mazar, enxergamos que casas foram destruídas no sítio na época, além de



Casa de Banhos Romana: Foto José Ademar Kaefer, 2011

um possível abandono⁶⁹. Por fim, sob a denominação “Citópolis”, a Betsã romana tornou-se importante por ser a única cidade do conjunto denominado Decápolis em solo israelita.

⁶⁷ A denominação caananita é atestada hoje por um achado em Mari, do séc. XVIII a.C., que cita os “homens de Canaan”. Cf. AHARONI, 1979, p. 67

⁶⁸ METTINGER, Tryggve N. D. No Graven Image? Israelite Aniconism in Tis Ancient Near Eastern Context. Coniectanea Biblica 42. Stockholm: Almqvist & Wiksell, 1995, pp. 189-190

⁶⁹ MAZAR, Amihai “The Divided Monarchy: comments on Some Archaeological Issues” em FINKELSTEIN, Israel; MAZAR, Amihai; SCHMIDT, Brian B. (ed.). The Quest for the Historical Israel: Debating

Existem diferentes hipóteses sobre a formação desse conjunto da cidade, onde alguns opinam serem uma unidade política dos tempos de Pompeu. Entretanto, ao que parece, somente as características helenísticas formam um padrão comum entre essas cidades⁷⁰. Entretanto, ainda com a presença dessa importante cidade, assim como Filoteria (outra polis), aparentemente não houve, no terceiro século anterior a era cristã, um grande povoamento do norte de Israel⁷¹.

6) Algumas perspectivas conclusivas

Betsã nos serve, nos estudos da Arqueologia das Terras da Bíblia, como ícone da própria questão. Ainda que sua presença não seja constante no texto bíblico, sua presença histórica marca as mudanças estruturais e culturais no Antigo Oriente Médio do Calcolítico até o século XII d.C. Assim, a própria história da escavação e do sítio tornam-se didáticas ao ensino da matéria e nos ensinam que diferentes visões podem surgir a partir dos achados arqueológicos. Por isso, seus achados tem sido protagonistas nas discussões sobre a cronologia nas terras de Israel, além de servirem para estudos geográficos, políticos e religiosos, visto que, como local de grande circulação, recebia influências de diversas matrizes. A transição do culto icônico ao anicônico e dos lugares altos ao templo; a presença política marcante, com a guarnição egípcia; a citação de termos relevantes à pesquisa bíblica, como os hapirus; além da própria citação geográfica, tem fomentado novas interpretações da história Antiga de Israel, carecendo e incentivando novas aproximações e interpretações comparadas da cultura material do Antigo Oriente Médio através do sítio de Betsã.

Archaeology and the History of Early Israel. Leiden: Brill, 2007, p. 171

⁷⁰ GRABBE, Lester L. A History of the Jews and Judaism in the Second Temple Period: volume 2: The Early Hellenistic Period (335-175 BCE). Library of Second Temple Studies 68. New York, t&t Clark, 2008, p. 188

⁷¹ Ibid., p. 46